



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS – DLCV**  
**LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

**ELBANY PATRÍCIA SOUZA LACERDA**

**UMA ANÁLISE DO AMOR PATOLÓGICO, NA OBRA *O REMORSO DE***  
***BALTAZAR SERAPIÃO*, DE VALTER HUGO MÃE**

**JOÃO PESSOA-PB**

**2018**

ELBANY PATRÍCIA SOUZA LACERDA

**UMA ANÁLISE DO AMOR PATOLÓGICO NA OBRA *O REMORSO DE  
BALTAZAR SERAPIÃO*, DE VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada ao Curso de Letras, Português, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

**Orientador (a):** Maria Bernadete da Nóbrega

**Coorientador (a):** Rossana Tavares de Almeida

JOÃO PESSOA-PB

2018

ELBANY PATRÍCIA SOUZA LACERDA

**UMA ANÁLISE DO AMOR PATOLÓGICO, NA OBRA *O REMORSO DE  
BALTAZAR SERAPIÃO*, DE VALTER HUGO MÃE**

APROVADA EM: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Maria Bernadete da Nóbrega  
Orientadora

---

M<sup>a</sup> Rossana Tavares de Almeida  
Coorientadora

---

Esp. Ana Raquel Dias Silva Lourenço  
Examinadora

---

Esp. Antonio Felipe Barbosa Neto  
Examinador

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por tudo que fez, e por tudo que irá fazer;

Aos meus pais;

A minha orientadora Maria Bernadete da Nóbrega e Coorientadora Rossana Tavares;

A Antonio Felipe Barbosa Neto e Ana Raquel Dias Silva Lourenço, que aceitaram participar da banca examinadora;

Aos meus amigos da universidade;

E ao meu namorado.

“Amor é fogo que arde sem se ver  
É ferida que dói e não se sente  
É um contentamento descontente  
É dor que desatina sem doer.”

*Luís de Camões*

## RESUMO

O amor é um tema que circula em diferentes rodas de conversas e linhas de estudo. Mas, conceitua-lo pode não ser uma tarefa fácil. A tentativa de compreender o amor vem desde a Antiguidade até os dias atuais. Mas, nos deteremos apenas ao amor patológico. Este é caracterizado como um relacionamento doentio, com atitudes de ciúmes, possessão e violência (SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2006; GIKOVATE, 2006). Este trabalho tem como objetivo analisar, na obra *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe, o amor patológico na relação amorosa de baltazar e ermesinda. Especificamente, objetivamos: identificar as consequências do amor patológico e apontar o fator desencadeador do amor patológico. A pesquisa é de cunho bibliográfico analítico. O estudo justifica-se, primeiramente, no fato de ainda terem poucos estudos sobre o romance. Além disso, os estudos sobre a obra são voltados para outras categorias analíticas. Utilizamos como principais bases teóricas, os estudos de Gikovate (2006) e Sophia, Tavares e Zilberman (2006). Inferimos que da obra *o remorso de baltazar serapião* traz um tom grotesco: por meio do aspecto animalesco com que as relações sexuais são descritas, limitando-se a necessidade de satisfação sexual, como um instinto; das cenas de agressão, descritas de maneira bastante violenta. O amor patológico é consequência da cultura patriarcal, mostrada de forma hiperbólica, com cenas de violência extrema, legitimada pelo discurso machista. A ideia do amor de baltazar serapião ser patológico é confirmada, através atitudes do protagonista para com sua esposa ermesinda, consequência do reflexo do contexto social dos personagens, que legitima a violência contra mulher como uma forma de dever matrimonial e ensinamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor Patológico. Ciúmes. Possessão.

## ABSTRACT

Love is a theme that circulates in different wheels of conversations and lines of study. But conceptualizing it may not be an easy task. The attempt to understand love comes from antiquity to the present day. But we will dwell only on pathological love. This is characterized as a sick relationship, with attitudes of jealousy, possession and violence (SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2006; GIKOVATE, 2006). This work aims to analyze, in the work *o remorso de baltazar serapião*, by Valter Hugo Mãe, the pathological love in the amorous relationship of baltazar and ermesinda. Specifically, we aim to: identify the consequences of pathological love and point out the triggering factor of pathological love. The research is analytical bibliographical. The study is justified, first of all, in the fact that they still have few studies about the novel. In addition, the studies on the work are focused on other analytical categories. We used as main theoretical bases, the studies of Gikovate (2006) and Sophia, Tavares and Zilberman (2006). We infer that from the work *o remorso de baltazar serapião* brings a grotesque tone: through the animalistic aspect with which sexual relations are described, limiting the need for sexual satisfaction, as an instinct; of the scenes of aggression, described quite violently. Pathological love is a consequence of the patriarchal culture, shown in a hyperbolic way, with scenes of extreme violence, legitimized by the macho discourse. The idea of baltazar serapião's love to be pathological is confirmed through the protagonist's attitudes toward his Ermesian wife, a consequence of the reflection of the social context of the characters, which legitimizes violence against women as a form of marital duty and teaching.

**KEYWORDS:** Pathological Love. Jealous. Possession.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: AUTOR E OBRA .....</b>	<b>9</b>
1.1 Contextualização <i>do corpus</i> .....	11
<b>2 O QUE É O AMOR? PERSPECTIVAS TEÓRICAS .....</b>	<b>15</b>
2.1 O amor patológico.....	20
<b>3 O AMOR DE BALTAZAR SERAPIÃO.....</b>	<b>23</b>
3.1 Consequências do amor patológico: violência contra a mulher .....	28
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

O amor é um tema que circula em diferentes meios: livros, filmes, mídias sociais. Mas, ao questionarmos sobre seu conceito, dificilmente teremos uma resposta hábil. A tentativa de compreender e definir o que é o amor vem desde a Antiguidade, e até os dias de hoje é assunto de debate.

Há várias ideias sobre o amor ao longo da história. Todavia, nos deteremos somente a uma concepção de amor – o patológico. O amor patológico é caracterizado como um relacionamento doentio, que controla o outro, apresenta-se com atitudes de ciúmes, possessão e violência (SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2006; GIKOVATE, 2006). Abordaremos este conceito de amor na literatura.

Este trabalho tem como objetivo analisar, na obra *o remorso de baltazar serapião*, de Valter Hugo Mãe, o amor patológico na relação amorosa de baltazar e ermesinda. Especificamente, objetivamos: identificar as consequências do amor patológico e apontar o fator desencadeador do amor patológico. A pesquisa é de cunho bibliográfico analítico.

A pretensão do estudo deste tema, surgiu a partir da leitura do romance, em que possibilitou verificar a presença de tal categoria analítica, através das atitudes de baltazar serapião, que afirma amar a esposa, porém, a violenta.

A relevância do estudo, verifica-se, primeiramente, no fato de ainda terem poucos estudos sobre o romance, conforme nossa pesquisa. Além disso, os estudos sobre a obra são voltados para outras categorias analíticas. Como também, o amor é importante na vida dos indivíduos, fazendo parte da experiência humana, do cotidiano das pessoas.

Para o enriquecimento do estudo as principais fontes teóricas utilizadas foram Gikovate (2006) e Sophia, Tavares e Zilberman (2006).

O trabalho está estruturado em três partes: no primeira momento, há uma contextualização da obra e do autor; na segunda, uma a visão do amor na história e o conceito de amor patológico; no terceiro, mostramos como essas questões se manifestam no *corpus* escolhido, nos voltado para as atitudes de baltazar serapião; em seguida, trazemos as considerações resultantes da análise da obra.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: AUTOR E OBRA

Valter Hugo Mãe é um dos autores portugueses mais destacados da atualidade. Sua obra é riquíssima tanto em quantidade quanto qualidade, colecionando várias premiações literárias. Sua produção literária perpassa por vários gêneros literários: romances como *o nosso reino* (2004), *o remorso de baltazar serapião* (2006), *o apocalipse dos trabalhadores* (2008), *a máquina de fazer espanhóis* (2010), *O Filho de Mil Homens* (2011), *A desumanização* (2013), *Homens Imprudentemente Poéticos* (2017); livros infantis como *A Verdadeira História dos Pássaros* (2009); *A História do Homem Calado* (2009); *O Rosto* (2010); *As mais belas coisas do mundo* (2010); *Quatro Tesouros* (2011); *O Paraíso são os Outros* (2014); poesia, reunida em um único volume intitulado *contabilidade* (2010); dentre crônicas, contos etc.

Uma das características que marcaram a escrita literária de Mãe é a utilização de apenas letras minúsculas, como pode ser visto, a priori, nos títulos de algumas de suas obras. Mas, não só isso, também não há travessões, pontos de exclamação e interrogação, aspas nem diagramação. Essa maneira de escrever remete ao método de José Saramago, que, ao ler o livro *o remorso de baltazar serapião* (2006), descreveu como “tsunami estilístico, semântico e sintático”. A de algumas supressões na pontuação, levam o leitor a fazer suas próprias percepções acerca das marcações gramaticais, e ao mesmo tempo, o escritor responsabiliza-se na condução rítmica da leitura.

Em uma entrevista<sup>1</sup> ao programa Roda Vida, na TV Cultura, em 2014, Mãe afirma que, ao escrever apenas em letras minúsculas, sua intenção era chegar mais próximo do discurso do pensamento. De certa maneira, projeta a oralidade no texto literário. Todavia, o autor passou a utilizar as pontuações porque sua obra passou a ser reduzida a estas questões formais.

Outra questão importante acerca da obra de Mãe é a representação das minorias através dos seus personagens:

A desumanização, constrói uma literatura capaz de proporcionar ao leitor o reconhecimento em personagens que procuram o sentido em um mundo onde a dificuldade de sobrevivência, pela condição econômica desigual, ocupa cruelmente a existência. O

---

<sup>1</sup> A entrevista está disponibilizada na internet, no canal do Roda Viva, no youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6i67t4CZRew>>. Acesso: 03 de março de 2018.

cotidiano de trabalhadores, imigrantes, mulheres, idosos, homossexuais e outros sujeitos excluídos que sofrem com o preconceito, a solidão e a falta de afeto e de oportunidades é retratado nos romances do autor que recebeu elogios de José Saramago, concebendo seu romance *O remorso de Baltazar Serapião* como “uma revolução” e um “tsunami literário” (TEOTÔNIO, 2014, p.48).

Essa presença das minorias, a partir da funcionalização, se revela como uma crítica e reflexão dos valores e memórias de Portugal (RIBEIRO, 2017). Conforme Mãe, a sua tetralogia (os quatro primeiros livros publicados) trata do ciclo da vida: *o nosso reino* (2004) traz a relação entre a infância, a fé e a religião; *o remorso de baltazar serapião* (2006) traz a reflexão sobre a juventude e a violência contra as mulheres; *o apocalipse dos trabalhadores* (2008) discute questões acerca do trabalho.

Os temas mais discutidos na atualidade estão presentes em sua obra como questões de gênero, a imigração, violência etc., trazendo uma relação entre a literatura e o mundo, nos levando a refletir sobre questões históricas, culturais e sociais. Destarte, Teotônio (2014) afirma que a obra de Mãe retoma o Realismo, por dar ênfase aos grupos socialmente vulneráveis, seja através de um realismo mágico, mas sem retratismo ou de um mundo mágico, diferente do nosso, que trata da condição social real.

Conforme Oliveira Neto (2013), em geral, a obra de Mãe traz temas diferentes dos, normalmente, presentes do romance português depois de 1974, que, em grande parte, tratam da ditadura salazarista, das guerras coloniais na África e suas consequências como estruturas opressivas e crise na formação da portuguesa, salvo, no romance *a máquina de fazer espanhóis*. Além disso, a variedade de temas, na obra de Mãe, é própria dos escritores da sua geração, comumente chamada de *novíssimos*, isso porque só começam a produzir depois dos anos 2000, reconhecidos por trabalharem com novos horizontes temáticos, formais e estilísticos no que tange ao romance.

No caso de Valter Hugo Mãe, reconhecemos que, entre as principais questões da primeira linha desse novo horizonte, estão aquelas que dizem respeito à formação e aos trânsitos das subjetividades e suas pluralidades – observação esta que, à primeira vista, poderá parecer um tanto simplista, tendo em vista que, desde a virada dos anos 1920, não terá sido outra uma das preocupações do romance senão a de tentar perscrutar

individualidades, compreendê-las isoladamente ou em grupo, desfazê-las e refazê-las por ângulos diversos, até que, no fim de cada peça literária, se possa acrescentar mais uma breve nota na extensa biografia sobre o sujeito. Além disso, a obra do português também é constituída por narrativas que intervêm sobre as várias possibilidades de manifestação e atuação dos poderes simbólicos de repressão e de subestimação das subjetividades, principalmente, os de cunho religioso, (OLIVEIRA NETO, 2013, p.).

De fato, ao abordar questões de subjetividade, pluralidades e individualidades não traz, a obra de Mãe, uma característica inovadora. Mas, abordar estas questões e relacioná-las às questões de identidade de grupos socialmente vulneráveis por meio da funcionalização dos personagens, nos leva a refletir sobre o lugar desses grupos na sociedade, mesmo que a obra não tenha marcação de tempo ou espaço, pois, a leitura dos romances permite fazermos tal inferência.

De maneira geral, segundo Oliveira Neto (2013), a leitura, do conjunto da obra de Mãe, permite afirmar que os narradores tratam dos vários lugares da mulher na sociedade. Essa característica apresenta-se no nosso *corpus*, em que as personagens femininas são marginalizadas, vivendo em uma sociedade patriarcal e machista.

### 1.1 Contextualização do *corpus*

No Brasil, as obras do escritor Valter Hugo Mãe, começam a ter mais visibilidade a partir de 2010, quando a publicação de *o remorso de baltazar serapião* chega no país. Em 2007, a referida obra foi vencedora do prêmio José Saramago de Literatura.

*o remorso de baltazar serapião* (2006) conta a estória de baltazar<sup>2</sup>, o narrador-protagonista, um jovem pertencente da família serapião, conhecida em seu vilarejo como “família sarga”, por causa da relação íntima que tinham com uma vaca, propriedade da família, que chamava sarga. Segundo os boatos dos habitantes onde vivem, a vaca teria parido baltazar e seus irmãos (brunilde e

---

<sup>2</sup> Optamos por manter a gráfica do livro, por isso, os nomes próprios serão escritos em minúsculas.

aldegundes). A família sarga vive e trabalha na propriedade rural de d. afonso, esta relação é marcada por exploração, pobreza e humilhação.

baltazar casa-se com ermesinda, que passa a sofrer violência do marido por causa de ciúmes. Ao acompanhar o irmão, que era pontor, em uma viagem até o reino, foi amaldiçoado por gertrudes, conhecida como a mulher queimada. Em geral, a obra mostra a dominação masculina e a subjugação da mulher, através da desintegração física de ermesinda e de outras violências sofridas pelas personagens femininas: “o *remorso* é atravessado de ponta a ponta pelo tom da barbárie – e uma barbárie, atentemos, eminentemente, masculina [...]” (OLIVEIRA NETO, 2013, p.7).

Conforme Gouveia (2011), os textos narrativos têm algumas categorias convencionais pela tradição: “narrador, enredo, personagem, tempo, espaço, linguagem, tema etc.” (p.93). Para uma melhor contextualização da obra, consideraremos algumas destas categorias.

O narrador é a voz que direciona a narração do enredo (GOUVEIA, 2011), no caso do *remorso*, o narrador é em primeira pessoa, sendo o próprio personagem, sendo o foco mais importante dos fatos. O foco mostra o alcance da visão do narrador, no caso, a estória é contada a partir da perspectiva de baltazar, que nos direciona a questionar sobre a fidelidade de ermesinda (dúvida já familiar na literatura brasileira). Dúvida essa gerado pelo conjunto de fatos narrado por baltazar, que nos leva para o enredo da obra - a esposa do protagonista sofre agressões físicas porque o marido desconfia da fidelidade conjugal, relatando várias situações as quais considera prova de suas desconfianças.

Oliveira Neto (2013) afirma que o narrador-personagem apresenta uma forma sintática rústica, nos aproximando de um primitivismo da oralidade, nos conduzindo realisticamente para o tempo evocado na narrativa.

O léxico apresenta termos que têm significações ligadas às relações que eles mantêm dentro no romance (ARRUDA, SAMPAIO, 2014), e como foi mencionado, a sintaxe apresenta uma organização própria da obra. Para Arruda e Sampaio (2014) o léxico e a sintaxe, na obra, “são responsáveis pelo engendramento de uma linguagem que não possibilita associação a qualquer tempo, espaço ou comunidade” (p.120). Essa colocação das autoras parece ser

equivocada, primeiramente, porque as mesmas, posteriormente, argumentam de maneira oposta:

O leitor pode ser levado a conjecturar uma linguagem do passado, posto que o tempo, o espaço e a forma arcaica em que vivem os membros da comunidade possuem características medievais, mas em nenhum momento estão localizados pelo narrador (ARRUDA; SAMPAIO, 2014, p. 120).

Considerando as tipologias do espaço temos: o físico (imediatamente histórico; mítico (relacionado a um tempo não histórico, a depender do texto) e o fantasioso (fruto de delírios e sonhos) (GOUVEIA, 2011), podemos inferir que há um espaço mítico, como a fazenda de d. afonso, o reino etc., assumindo um caráter simbólico e referencial (SOARES, 2015).

Podemos afirmar que o contexto da obra é medieval, em que o ambiente feudal europeu é recriado de forma fabulosa, sem apresentar os traços românticos que caracterizam as abordagens literárias do século XIX (SOARES, 2015):

a menção ao Rei-Lavrador –a única que permite localizar temporalmente a ambientação do romance– poderá estar relacionada com o valor mítico-simbólico do rei, distinguido como um dos mais emblemáticos da sua dinastia, potenciando consequentemente o seu reconhecimento por parte dos/as leitores/as preferenciais e contribuindo para a percepção do texto como «medieval» (p. 274)).

A relação hierárquica, baseada em vínculos de dependência da família serapião para com o d. afonso, mostra-se uma representação da organização social do contexto medieval, como também as referências das posições sociais:

dom afonso, o da casa, era-o por herança e vinha mesmo das famílias de sua majestade, com um sangue bom que alastrava por toda a sua linhagem. nobres senhores do país, terras a perder de vista, vassallos poderosos [...] (MÃE, 2010, p. 13)

Além disso, a condição de incompletude e inferioridade da mulher, em relação ao homem, está representada em todas as personagens femininas de *o remorso de baltazar serapião* (BOESSIO, 2014).

Apesar de ter um número de obras significativas, os trabalhos de Valter Hugo Mãe ainda carecem de fortuna crítica (ARRUDA; SAMPAIO, 2014). Conforme nossa pesquisa no banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), há quinze pesquisas sobre a obra de Valter Hugo Mãe, sem dúvidas, a obra mais trabalhada é *a máquina de fazer espanhóis* (2010), e apenas duas tratam do remorso de *baltazar serapião* (2006). Ambas são dissertações de mestrado, intituladas: *O sociológico e o insólito em o remorso de baltazar serapião, de Valter Hugo Mãe* (ARRUDA, 2013); *O remorso de baltazar serapião: uma escrita de ruptura*, (RODRIGUES, 2013). A primeira, trabalha com a questão da condição sociológica da mulher, reforçado pelo fantástico e pelo grotesco, relacionando ao contexto da idade média e da contemporaneidade. A segunda, trabalha a construção do poético, tomando como referência os recursos linguísticos e extralinguísticos.

Mesmo não havendo muitas dissertações e teses sobre o *remorso de baltazar serapião* (2006), é possível encontrar alguns artigos publicados em anais e revistas, que foram, até mesmo utilizados, neste trabalho, como fonte. A maioria destas publicações abordam a questão da subordinação feminina, sendo uma das categorias analíticas bastante perceptível na leitura da obra.

## 2 O QUE É O AMOR? PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Quando indagam as pessoas o que é o amor cada uma têm sua própria concepção acerca de tal sentimento, até mesmo há aqueles que citem Camões ou textos bíblicos. Porém, existem várias teorias que estudam o amor cientificamente. Assim, antes de discutirmos sobre o amor patológico, mostraremos como o amor foi visto na história.

Desde a Grécia Antiga, os filósofos buscavam compreender o amor. Na obra *O Banquete*<sup>3</sup>, de Platão, provavelmente escrito no ano 385 a.C. (KONDER, 2007), em um jantar, oferecido por Agatão, os convidados decidem que o tema na noite será o amor.

Neste jantar, cada convidado tinha a oportunidade de falar sobre o tema, um deles, Aristófanes, utiliza-se de um mito para explicar o que é o amor. Narra que, em tempos remotos, habitava na terra seres esféricos, com duas cabeças opostas e iguais, quatro braços, quatro pernas e duas genitálias. Alguns destes seres tinham duas genitálias masculinas, outros tinham duas femininas e, outros uma feminina e uma masculina. Assim, existia, na terra, três gêneros: o masculino, o feminino e o andrógino. Os seres esféricos não usavam suas genitálias para reprodução, pois se dava através de sementes, na qual enterravam-se no chão e brotavam outros seres, assim, se multiplicavam.

Eles eram fortes e confiantes, e, por isso, resolveram tomar o Olimpo, afrontando os Deuses. Zeus ficou muito irado com a audácia, ordenando ao deus Apolo que cortasse os seres esféricos ao meio, para ficarem fracos, tornando-se humanoide. Assim, cada ser passou a ter apenas uma cabeça, dois braços, duas pernas e uma genitália.

Devido ao corte, as carnes das costas ficaram expostas, por isso, Zeus mandou Apolo esticasse as bordas da ferida, deixando somente uma pequena abertura, o umbigo. Este serviria como um lembrete, pois ao olharem para o próprio umbigo, recordariam do castigo divino, e suas genitálias ficaram para trás (PLATÃO, s.d).

---

<sup>3</sup> PLATÃO. **O BANQUETE.** Disponível em: <[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O\\_banquete.pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O_banquete.pdf)>. Acesso: 18 março de 2018.

Por esta razão, as metades não comiam, não bebiam, nem se reproduziam, perderam a vontade de viver, vagando pelo mundo procurando as suas respectivas metades. Quando ocorria de encontrarem a outra metade, reconheciam-se de imediato, abraçando intensamente, desejando unir-se novamente, permaneciam tanto tempo assim que morriam. E a espécie foi desaparecendo.

Zeus ficou preocupado com a extinção da espécie, ordenando a Apolo colocasse as genitálias dos seres para frente, abaixo do umbigo, assim, quando se abraçarem, se uniriam sexualmente. Zeus instituiu, também, que a reprodução passasse a ocorrer pelo sexo (PLATÃO, s.d).

O mito traz uma ideia de que o indivíduo é incompleto e precisa do outro para se tornar um ser perfeito, em que o amor é a busca pela sua metade. Dessa maneira, entendemos que o mito aborda a concepção do amor patológico através da ilustração dos seres esféricos. Destarte, mostra uma relação de dependência, o ser não pode ser feliz e completo sozinho, precisa do outro. Além disso, vemos que o amor e o sexo se completam, ou seja, a relação sexual faz parte da complementação do ser imperfeito.

A partir da elucidação de Aristófanes, Platão diferenciou o “amor possessivo” e o “amor verdadeiro”. No primeiro, o amante vê o outro como um objeto a ser devorado, como um lobo deseja uma ovelha. No segundo, há uma libertação do indivíduo do sofrimento, e só pode ser satisfeito pela contemplação. Assim, o verdadeiro amor para Platão não estava relacionado com o sexo: “De fato, ao adotar a ideia de que o verdadeiro amor é o que mobiliza a alma para que ela se devote à pura contemplação da beleza, sem se entregar à sensualidade corporal” (KONDER, 2007, p. 16-17). Essa colocação de Platão resultou na expressão “amor platônico”.

Outro filósofo, Aristóteles (384 -322 a. c.) explicou o amor a partir de sua diferenciação com a amizade. Essa é considerada como virtude, sendo a melhor maneira de afeição, por se manifestar apenas entre pessoas que se querem bem de forma recíproca (ARISTÓTELES, 2001). Já o amor não se relaciona com reciprocidade, pois pode-se amar alguém ou algo sem que seja sabido nem correspondido.

Em Roma, o poeta Ovídio (43 a.c. – 17 d. c.), viu o amor como uma forma de conquista amorosa, comparando com as estratégias utilizadas pelos os

militares durante a guerra. Em seus poemas ensinava sobre as habilidades de seduzir, voltadas para homens sedutores que eram infiéis no casamento. Como também, escreveu sobre como conquistar as mulheres e sobre como manter a mulher amada (NASO, 2001). Suas obras não só eram destinadas para homens, pois publicou um livro ensinando as mulheres a atrair homens (NASO, 2001).

Na filosofia estóica, o amor perde a visão do belo e passa a ter uma conotação negativa. Não há diferença entre amor e paixão. Tais sentimentos eram tidos como vício, algo irracional, uma forma de condenação. A paixão era um sentimento que deveria ser negado, extinto, para dar lugar a razão. O homem ideal era aquele que não tinha paixão.

Na Idade Média, até o século VI, o amor e o sexo tomam caminhos diferentes. No casamento só poderia existir o amor ao próximo, o sentimento de caridade, sem o desejo carnal. Dessa maneira, a união matrimonial teria o intuito de perpetuar a espécie, para reprodução, já que o casamento era considerado uma instituição que objetivava a estabilidade da sociedade e unir riquezas, por isso, a satisfação sexual era pecado porque visava o prazer carnal. (ROUGEMONT, 1988).

Já durante o século X-XV surge a ideia de amor romântico (ROUGEMONT, 1988). Durante o século XI-XIV o amor apresenta-se de diferentes formas, desde a idealização até as últimas consequências para ter a pessoa amada, era o chamado amor cortês:

Os personagens fundamentais estão todos ali: o Amador devotado, a Dama idealizada e socialmente inatingível, o marido ciumento, e até mesmo os *loengiers* que denunciam a paixão clandestina. Da mesma forma, aparecem intrincados neste romance trágico alguns dos tradicionais paradoxos do Amor Cortês: a relação íntima entre Amor e Morte, o imbricamento entre Nobreza e Sofrimento, bem como o confronto entre o Casamento socialmente condicionado e o Verdadeiro amor, levado até as suas últimas consequências trágicas – eis aqui os ingredientes de uma história amorosa que realiza o amor extremo e que o concretiza na metáfora da mulher que sem o saber devora o coração do trovador, ao qual vai depois se juntar no abraço definitivo da própria Morte (BARROS, 2015, p. 217).

A partir da Idade Moderna (século XVI -XVIII), o casamento passou a considerar o amor, em que a pessoa passa a escolher o seu companheiro por amor (ROUGEMONT, 1988). Desta época houve grande avanço na ciência, o

aparecimento do iluminismo e do liberalismo romperam a ideia de que o indivíduo precisava do outro para se complementar. Conforme o Renascimento, a própria pessoa é responsável pela sua felicidade, pois é um ser autônomo, no sentido de que não é dividido como no mito de Aristófanes, assim, não precisamos ir atrás da nossa metade, pois o que necessitamos está dentro de nós. Dessa maneira, há uma valorização da subjetividade em detrimento ao social.

Um dos principais filósofos da era moderna, Immanuel Kant (1724-1804) retoma a ideia de Platão, e diferencia duas formas de amor, um saudável e outro doentio. O saudável seria o “amor-acção” ou “amor-prático”, que seria o único moralmente aceitável, porque permite agir de maneira racional e afável com qualquer pessoa, independentemente de ter ou não uma relação com ela. O amor doentio seria o “amor-paixão” ou “amor patológico”, isso porque não pode ser controlado, não há bom senso em suas ações, incluindo até desprezo para com o outro (KANT, 1960). Kant, distinguiu amor e paixão:

O termo paixão foi reservado para atitudes mais deliberativas, podendo coexistir com dissimulação, desde que isso possa contribuir para obter um específico objeto de desejo. Atos de amor patológico, segundo Kant, decorreriam de paixões volúveis e não de uma análise racional do que seja fazer (SOPHIA, 2008, p. 8).

Partindo da colocação de Kant, Borges (2000), afirma ser inverossímil a expressão “enlouquecer de amor”, porque a pessoa não enlouquece por ter sido rejeitada pela pessoa amada, pois já estava perturbado e desorientado, de sorte que escolheu uma pessoa, como objeto de seus desejos, oposta as suas necessidades e valores.

A Idade Moderna também ficou conhecida pelo pessimismo romântico porque alguns filósofos, da época, consideravam o amor uma patologia, um dos principais autores desse movimento foi Arthur Schopenhauer (1788 -1860). Para ele, o amor estava exclusivamente relacionado ao impulso sexual, reduzindo o amor a um impulso de perpetuação da espécie.

Em 1819, Schopenhauer publicou *O mundo como vontade e representação*, defendendo que o amor deve ser última preocupação humana porque atrapalha e interrompe os assuntos mais importantes, além de desorientar as mentes mais inteligentes (SCHOPENHAUER, s.d).

Na Idade Contemporânea (século XIX), Freud o amor por meio da observação de uma paciente com histeria, que não conseguiu se expressar com palavras, falando através do corpo. A partir desse caso, descreveu a energia da libido (Eros), entendido como instinto amoroso, sendo tudo aquilo que pode ser sintetizado como amor, seja consigo, com os familiares, objetos abstratos, saber etc. Em Eros as pulsões parciais de ternura, ciúme, inveja e desejos sexuais dirigidos para os mesmos objetos convergiam (FREUD, 1974).

Para Freud, o amor seria uma ampliação do conceito de sexualidade, um conjunto de processos mais internos que direcionam a libido do sujeito para um objeto (parceiro) com a finalidade de obter satisfação (FREUD, 1974). Assim, o amor é visto como sinônimo de sexualidade, em que o tema foi primeiramente discutido nos casos de histeria das pacientes. Para o pai da psicanálise o amor é uma transferência, na qual é substituído as figuras parentais do paciente investindo na libido, configurando-se como uma forma de tentativa de reedição das primárias relações amorosas registradas na infância acarretando como um depósito da libido em um objeto específico (SCHLÖSSER; DALFOVO; DELVAN, 2012).

De acordo com Schlösser, Dalfovo, Delvan (2012), não existe uma real definição de amor na obra freudiana, pois o termo “amor” não foi definido como um conceito na obra de freudiana, foi usado de diferentes formas, de acordo com as articulações e o momento em que estava em sua construção histórica.

Segundo Sophia (2008), para a crítica, os estudos de Freud, sobre o amor, retomavam as ideias de Nietzsche

Essa descrição mostrou que, para o pai da psicanálise, a sexualidade seria a base de todas as manifestações do amor, fato que é motivo de crítica por parte de alguns autores, que relatam que os conceitos freudianos sobre o amor foram uma repetição de conceitos filosóficos anteriores particularmente Nietzsche (p.10-11).

Entre a metade do século XIX e a primeira década do século XX, há a Época Vitoriana, com o puritanismo, o retorno da concepção de virtudes sociais, como respeitabilidade, polidez e descrição. Nesta época, o casamento era realizado por conveniência, pelas famílias do casal ou pelo agente matrimonial, entendendo que o amor se desenvolveria com a convivência (SOPHIA, 2008).

Segundo Gikovate (2006), a palavra amor é muito antiga e chegou até nós com sentido modificado no decorrer dos séculos. Assim, “amor” é uma palavra utilizada para diversos significados, podendo ser usada para descrever sensações diferentes. Para o autor, não devemos aceitar os conceitos de amor do passado, mas devemos criar nossos próprios conceitos, e entende que o sexo e amor não são a mesma coisa:

O importante é que cada geração tem de entender melhor o conteúdo e tratar de redefinir com rigor crescente o sentido das palavras que utiliza, especialmente das mais relevantes. Assim, considero insuficiente o que sabemos sobre o termo “amor” e penso que devemos continuar pesquisando, sem preconceitos, sua essência. Isso é muito mais rico e produtivo do que nos colocarmos de modo servil diante de uma palavra que acreditamos conter as mais nobres e elevadas sensações. Não devemos ser submissos ao que foi dito sobre o amor no passado, e creio que nossos ancestrais não entenderam tão bem todas as nuances desse complexo problema, não foram capazes sequer de separar amor e sexo (GIKOVATE, 2006, p. 16).

Como vimos, o conceito de amor é diferente em cada momento da história, podendo ser até mesmo retomado em alguma época. Veremos que o conceito de amor patológico traz algumas ideias de amor descritas em outras épocas. Para este trabalho, consideraremos o amor patológico na relação amorosa de baltazar e ermesinda.

## 2.1 O amor patológico

Há várias leituras sobre o amor na Literatura como a tese de doutorado em Letras de Rebello (2006), intitulada *A multiplicidade de enfoques sobre o amor na narrativa Brasileira*. A autora faz uma leitura sobre o amor nos principais romances da literatura brasileira. Não temos uma pretensão tão ambiciosa de fazermos uma leitura sobre tal sentimento na literatura portuguesa ou nas obras de Valter Hugo Mãe, mas assim, como na tese de Rebello (2006), discutiremos o amor na perspectiva de um romance, especificamente no remorso de *baltazar serapião*. Como já foi mencionado, a maioria das pesquisas sobre a obra aborda a subjugação da mulher, nosso enfoque é no amor patológico na relação amorosa entre baltazar e ermesinda.

Encontramos base teórica sobre o amor patológico da psicologia e na psiquiatria, como os trabalhos de Sophia (2006, 2008) e Gikovate (2006), que entendem esta tipologia como doença, como o próprio termo sugere. Gikovate (2006) não traz o termo “amor patológico”, mas discute sobre o tema, tratando de ciúmes e dependência na relação amorosa, que acarretam em violência, relacionamento abusivo etc. Essas questões estão presentes no *corpus* desta pesquisa, no patrimônio de Baltazar e Ermesinda.

Conforme Sophia, Tavares e Zilberman (2006) a atitude de fixar atenção e cuidados ao parceiro são atitudes normais em qualquer relacionamento saudável. Porém, quando acontece a falta de controle e de liberdade de escolha sobre essas ações, de maneira que o indivíduo foque somente na relação amorosa em detrimento de outras coisas, caracteriza como problema denominado amor patológico. Os autores comparam o amor patológico com o uso de drogas, no sentido de dependência em relação ao parceiro: “Assim como ocorre com o dependente químico que inicia o uso da “droga de escolha”, o portador de AP acredita que o parceiro trará significado para sua vida, ilusão que inicialmente alivia a angústia de ter que dar conta de si mesmo” (SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2007, p.60).

Pesquisas atuais caracterizam o amor patológico como um comportamento obsessivo-compulsivo em relação ao parceiro, em que o parceiro apresenta alguns comportamentos como: abstinência (quando o parceiro está distante); passa muito tempo tentando controlar as atividades do parceiro (SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2007).

Para os autores, o amor patológico é reflexo, pois repetem o padrão de relacionamento registrado na infância. Este tipo de amor apresenta o delírio de ciúmes, em que eventos triviais passam a ser provas da “veracidade” da traição, há excessiva desconfiança e possessividade, potencializando atitudes violentas e egoístas.

Gikovate (2006) traz uma discussão acerca do ciúme e suas consequências na relação amorosa. Conforme o autor, o ciúme, em suas manifestações mais básicas, se expressa em torno da sexualidade, e relaciona-se com o sentimento de possessividade, que se manifesta em relação a pessoa amada. Para o autor, a definição descritiva do ciúme é extremamente difícil, há que esse sentimento é composto por vários elementos.

O ciúme faz brotar o sentimento de traição, leva o indivíduo a pensar ter algum direito sobre o outro, acarretando em uma reação de raiva e desejo imediato de vingança, podendo até agir de modo violento.

Em suas manifestações mais simples, o ciúme tem importante correlação com a humilhação, com a sensação de ter sido trocado por alguém. O ciúme autorizar uma pessoa a interferir no destino da outra (GIKOVATE, 2006). Pode ser entendido também como uma sensação de raiva.

A seguir veremos como o amor patológico se apresenta no *livro o remorso de baltazer serapião*, através das ações de baltazar na relação conjugal.

### 3 O AMOR DE BALTAZAR SERAPIÃO

A atenção e o cuidado em relação ao companheiro se inserem na normalidade em qualquer relacionamento amoroso. Entretanto quando estas atitudes põem em risco a liberdade dessas condutas, de tal modo que o indivíduo prioriza tais atitudes em detrimento de outros objetivos antes valorizados, caracteriza um problema, o amor patológico. Também o comportamento repetitivo e sem controle de vigiar o parceiro de forma excessiva mesmo tendo a consciência que está se prejudicando, caracteriza como um amor patológico. (SOPHIA, 2007).

Tal atitude patológica é percebida nas ações de serapião. O sentimento de ciúme dele pela futura esposa apresenta-se, na narrativa, desde os primeiros momentos em que o jovem soube que ermesinda estava prometida como sua futura esposa:

a minha mulher haveria de ser a ermesinda. eu sabia quem ela era, já a tivera perto por diversas vezes. era filha de um nobre homem que meu pai conhecia da vida toda. mais nova do que eu dois anos, queriam casá-la para que se tivesse em honras antes que algum malandro lhe deitasse a mão. quantas vezes eu ia ver de propósito a descer a rua abaixo sem olhar para os lados, já os homens coçados dela, a ganirem alfabetos porcos para a encostarem de sexo às paredes e ao chão (MÃE, 2010, p. 22).

Na passagem, vemos que o sentimento de ciúmes se apresenta quando serapião pensa que outros homens observam ermesinda com desejo sexual, e antes mesmo de tê-la como esposa já projetava a ideia de traição: “claro que me ocorria à cabeça a ideia de que abriria perigos novos por trazer a mim tão doce rapariga” (MÃE, 2010, p. 23).

Passa a segui à jovem, sempre a observando, não de uma forma que possa ser considerada saudável, mas uma forma doentia, pois já via a esposa como objeto, patrimônio dele: “como custava manter o meu território em redor dela, fazer dela algo tanto meu que outros estafermos não se abeirassem para deitar a mão do seu fruto apetecido” (MÃE, 2010, p. 23).

O ciúme leva o parceiro a querer restringir a liberdade do outro, justificando ser em nome do amor:

O ciúme é um sentimento que nos leva a agir tentando limitar os direitos da pessoa à qual estamos ligados. É, pois, um ingrediente de nossa subjetividade que se coloca em oposição à liberdade individual, atribuindo a seu portador uma boa desculpa para tentar restringir os passos de outra pessoa. Quase sempre se exerce em nome do amor (GIKOVATE, 2006, p. 131-132).

Esse sentimento é apresentado em baltazar antes mesmo do matrimônio. Para ele, como marido, teria o direito sobre sua mulher, e o corpo dela seria como uma propriedade dele, sendo conforme seu querer. O protagonista, queria controlar também os pensamentos de ermesinda, para convencê-la a não o deixar e pensar que era feliz de acordo com o desejo de baltazar:

eu teria espírito para proteger a minha mulher e lhe pôr freios. ela haveria de sentir por mim amor, como às mulheres era competido, e viveria nessa ilusão, enganada na cabeça para me garantir a propriedade do corpo. invadirei sua alma, pensava eu, como coisa de outro mundo a possuí-la de ideias para que nunca se desvie de mim por vontade ou instinto, amando-a de completo sem hesitações nem repugnâncias. e assim me servirá vida toda, feliz e convencida da verdade (MÃE, 2010, p. 23).

Para baltazar era obrigação da esposa amar seu marido, e o mesmo via como uma ilusão própria do sexo feminino. Além disso, tinha a concepção de que às mulheres eram fáceis de serem persuadidas, por esta razão convenceria ermesinda a qualquer ideia que desejasse.

A narrativa apresenta várias passagens que demonstram o amor patológico de baltazar para com a ermesinda, mas com certeza, um dos pontos centrais é a desconfiança que o sarga tem acerca da traição da esposa com dom afonso. Antes mesmo do dom afonso conhecer a futura esposa de baltazar, este já cogitou o possível interesse sexual do senhor para com ermesinda:

dom afonso estava de acordo, e temia eu que estivesse também curioso por se ter perto de nova rapariga e assim exercer o seu domínio sobre todos nós, ultrapassando os mandamentos. mas nada era explícito, só a sua autorização que fora dada para que nos casássemos e tivéssemos guarida ameias na casa de meu pai a minha mulher haveria de ser a ermesinda (MÃE, 2010, p. 24).

Segundo Sophia, Tavares e Zilberman (2006), o ciúme caracteriza pela excessiva desconfiança como uma preocupação infundada, irracional e irreal. Como vimos, na passagem do romance supracitado, o próprio baltazar que seu ciúme antecipado não tem fundamento, já que não houve nenhuma atitude de dom afonso que conferisse veracidade as suas desconfianças.

As desconfianças de baltazar continuam. Na sua primeira noite com ermesinda, duvidou da virgindade dela, o que não seria consideravelmente condizente com a moral e deveres de uma esposa direita. Pelo fato de ermesia não ter gemido de dores e nem pedir que tivesse cuidado, como de costume, na primeira relação sexual, pensou que a esposa já conhecia o sexo:

[...] não é feita mulher pelas dores, que poderia significar, perguntava-me eu. nem por um só momento imaginei que se faria mulher sem dores, num silêncio só gemido como naturalmente um casal geme já tempo decorrido. como meus pais, sem novidade ou esforço, apenas o gasto esperando e remediado da rotina. não que fosse destituído de prazer ou forçado à euforia pela novidade, mas que a novidade lhe fosse tão simples e benfazeja da partida à chegada. sob mim a receber os meus jeitos em paz de proveito, muito delicada sem dizer palavra que me quisesse pedir maior cuidado ou carinho. nada. (MÃE, 2010, p. 24)

Depois de casado, com autorização de seu senhor, baltazar apresentou-se, juntamente com ermesinda, ao dom afonso, para que este atribuísse seus respectivos trabalhos na terra. Ao ver ermesinda, dom afonso a elogiou-a: “[...] e a tua é uma bela mulher, viçosa nos modos, clara nos olhos, aberta nos membros” (MÃE, 2010, p. 45), e designou a tarefa que ambos teriam. Caberia a ermesinda trabalhar na casa, o que perturbou baltazar, por entender que dom afonso a colocou neste ofício com o intuito de facilitar a traição:

naquele tempo o meu martírio começou. empoleirado nas bermas da casa, agarrado às janelas a desesperar de incerteza, fosse a ermesinda meter-se debaixo de dom afonso e que faria eu corno, apaixonado, morto de loucura por ela. nem meu pai me convencia, transtornado a deitar-me juízo cabeça abaixo, incapaz de me impedir de exercer a direção devida no matrimônio que acabara de realizar. assim falámos, que se estivesse posto dentro dela lhe arrancaria a cabeça numa só desgraça para toda a família (MÃE, 2010, p. 24).

Nutrindo a ideia de estar sendo enganado, Baltazar começa a pensar, reiteradas vezes, na suposta traição, Serapião fica tão obcecado com a hipótese que indagava aos familiares, amigos, e trabalhadores da casa, na qual amada trabalhava, até a própria esposa sobre a sua suposta infidelidade conjugal:

mas nada da boca de Ermesinda me confirmava, nem os olhos que lhe deitava às partes da natureza, abertas em bom sol, me dizia o que ali poderia ter entrado. e mesmo ao toque dos dedos nada parecia diferenciar, nada saber e saber apenas o que me queria confirmar dos bons intentos de Dom Afonso. até o Teodolindo posto em cuidado nada me dizia. podia fazer coincidir com a visita da minha Ermesinda a sua entrega dos trajes do dia. afirmava o Teodolindo por cima das notícias da Brunilde, nada se ouvia porque nada devia estar a acontecer. e agarrei no Aldegundes e apertei-o. se agora está lá destro, diz-me que coisas vê. anda, se podes ver anjos nas tábuas, há de poder ver Dom Afonso em cima da minha Ermesinda (MÃE, 2010, p. 46, 47, 97).

Mesmo as pessoas afirmando que não havia nada entre Ermesinda e Dom Afonso, Baltazar mantia suas desconfianças do adultério, buscando formas para comprová-lo. Ao mesmo tempo, os indícios negavam tal dúvida:

e Dom Afonso não saía de lá a arfar, causado de rosadas faces, abafado de qualquer modo, trôpego, aflito de calores, odores, feridas tocadas, cabeça pesada, nada. saía por pé igual como entrara e, sem análise maior, nada parecia acusá-lo de comer a rapariga. puta que o pariu. por que andaria a recebê-la perdia sentido [...] não lhe parecia ser real, que mesmo em modos meigos um dia haveria em que se soltaria um gemido revelador, um soluço de garganta engasgado, um tropeço no chão ou arrastar de uma cadeira. mas nada (MÃE, 2010, p. 46-47).

Mesmo não tendo certeza e nem como comprovar a traição de Ermesinda com Dom Afonso, Baltazar pensava que em algum momento os amantes não conseguiriam esconder a traição e seriam descobertos.

A obsessão de Baltazar em querer provar que estava sendo traído começa a interferir em suas atividades, pois passa quase todo o tempo pensando da infidelidade da esposa: “que mais podia senão mugir dia inteiro a trabalhar, furioso sem respostas, adormecido cada vez menos e acordado cada vez mais” (MÃE, 2010, p. 47). Neste sentido, acordado seria estar alerta, observando cada detalhe que confirmasse suas desconfianças. Agora, à atenção de Baltazar volta-

se apenas na comprovação da traição. Essas atitudes são características próprias do amor patológico:

Autores mais recentes propõem que a atitude de fixar atenção e cuidados em relação ao companheiro é esperada em qualquer relacionamento amoroso saudável. Todavia, quando ocorre falta de controle e de liberdade de escolha sobre essa conduta, de modo que ela passa a ser prioritária para o indivíduo, em detrimento de outros interesses antes valorizados, está caracterizado um problema denominado amor patológico (AP) (SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2006, p. 60).

Este amor patológico está intrinsecamente ligado ao transtorno delirante, o delírio de ciúmes, caracterizada pela excessiva desconfiança e possessividade. Isto é bem marcante no personagem principal da obra, pois serapião não tem certeza da traição da esposa, e por desconfiar que a mesma escondia segredos, a agride, justificando ser uma forma de demonstrar amor, já que era o dever dele completá-la, por isso, não deveria questioná-lo. Vejamos a passagem do livro em que serapião bate pela primeira vez na esposa:

[...] como não pretender ter segredos para mim e não me encornar nunca. e se lhe dei o primeiro corretivo de mão na cara não foi porque não a amasse, e disse-lho, existe amor entre nós, assim te aceitei por decisão de meu pai que quer o melhor para mim, mas deus quis que eu fosse este homem e tu a minha mulher, como tal está nas minhas mãos completar tudo o que no teu feitio está incompleto, e deverás respeitar-me para que seja respeitada. nada do que te disser deve ser posto em causa, amenos que enlouqueças e me autorizes a pôr-te um fim (MÃE, 2010, p. 48)

As atitudes de baltazar serapião para com a esposa, caracteriza o amor patológico, com a presença do ciúme, que geralmente ocasiona o temor da infidelidade conjugal, vinculado por uma série de racionalizações e de interpretações que levam o indivíduo ciumento para a elaboração de ideias mórbidas (LINO, 2009).

### 3.1 Consequências do amor patológico: violência contra a mulher

Ainda sobre o amor patológico, à psicologia afirma que este tipo de amor não é amor, mas sim medo – de estar só, de não ter valor, de não merecer amor, de vir a ser abandonado, pois sente ao lado do parceiro (SOPHIA, 2007). Em relação a esta afirmação com o sentimento do personagem analisado, percebe-se que a violência de Baltazar para com a esposa, também está relacionado com a questão do meio social em que Baltazar está inserido, porque nesta perspectiva, o valor do homem está vinculado a uma masculinidade violenta, na qual o homem é visto como superior a mulher. Entendendo que masculinidade, a virilidade e a sedução sexual, dava-se através de atitudes grosseiras e violentas, como forma de educar a mulher. Essa visão é trazida, de uma maneira bem estereotipada e hiperbólica, na obra:

essas coisas do sexo eram muito importantes, por isso parecia muito difícil conciliar uma fidelidade amorosa com a vontade tão desenfreada de entrar numa rapariga. e quantas técnicas poderiam ocorrer-me para que uma moça apreciasse o meu desejo, mijando nas ruas e tossindo alto para que não se desapercebessem da minha presença.

[...] tão grande foi o ruído de minha mão na sua cara, e tão rápido lhe entornei o corpo ao contrário e lhe dobrei o pé esquerdo em todos os sentidos. que te saíam os peitos pela boca se me voltas a encomar, definharás sempre mais a cada crime, até que sejas, massa disforme e sem diferença das pedras ou das merdas acumuladas, e coisa que te entre pelas partes há de cair e cozinhar-se para jantar. e assim ficou revirada no chão, esfregada de dores no corpo todo [...] o amor era coisa de muito ensinamento (MÃE, 2010, p.21, 53)

Esta superioridade masculina encontra respaldo nas estruturais sociais que se solidificam, principalmente em municípios pequenos, como é o caso do espaço da narrativa, além disso, há o discurso da superioridade biológica masculina, tanto na questão física quanto psíquica. Corroborando com esta afirmativa Bourdieu (2002) elenca:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universal concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reproduzidas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere ao homem melhor parte [...] eles

funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade [...] (p. 45).

Conforme Sophia (2007), o amor patológico também pode ser consequência do padrão familiar, pois de acordo com a pesquisa da autora, a criança que cresce em lares desajustados, com pais distantes fisicamente e emocionalmente tendem a repetir o padrão de relacionamento registrado na infância.

serapião é o espelho do pai, percebemos uma forte influência da vida conjugal dos pais em relação vida conjugal do filho, pelo fato do jovem assemelhar-se ao genitor nas atitudes em relação ao tratamento oferecido a esposa:

e a minha mãe como pediria que não fosse bruto com ela. era porque lhe entortara o pé meu pai, descabido com ela num tempo em que era muito novo, e assim a ensinou de modos para que, tomada de respeitos por ele para o resto da vida, não quisesse que lhe entortasse o outro. e eu acho que ela se escudava como vítima de quando em vez para que nos apiedássemos da sua condição de fêmea [...] (MÃE, 2007, p. 47).

A violenta que o pai de serapião para com a esposa, era vista pelo protagonista como algo natural, ainda acusava a mãe de se fazer de vítima para que a ajudasse.

[...] violência contra as mulheres como resultado de uma ideologia de dominação masculina que é produzida e reproduzida tanto por homens como por mulheres. A autora define violência como uma ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas com o fim de dominar, explorar e oprimir. A ação violenta trata o ser dominado como “objeto” e não “sujeito”[...] (SANTOS, IZUMINO, 2005, p. 3)

No meio social em que serapião está inserido, a mulher é tida como objeto, na qual é explorada sexualmente e oprimida, sem nenhum direito de se manifestar contra a dominação e humilhação masculina. A maioria das mulheres da obra sofrem com algum tipo de violência, por parte dos homens, seja verbal ou física. A violência decorrente da dominação masculina é intensificada, na obra, a partir na mutilação sofrida por ermesinda:

[...] entrei dedo dentro de ermesinda olho arrancado. como te disse, prometido de coração é devido. ficarás a ver por sorte ainda, ficarás a ver melhor do que te devia, nas deixo-te por piedade, e a este deito-o à terra e cubro-o para ser comido. não te preocupas agora, se dormires de mão aí tapada acordarás ainda também quando eu for e voltar (MÃE, 2010, p. 108).

serapião não demonstra nesta citação qualquer tipo de arrependimento em relação à violência praticada na esposa, pelo contrário afirma ser um dever, e ainda ironiza o fato ocorrido, aponto de dizer que ermesinda enxergará melhor com apenas um olho, além de falar que usou de piedade em um ato de grave violência.

O remorso de serapião vai aparecendo aos poucos na narrativa. Todavia, ver o remorso como uma fraqueza:

na manhã seguinte, compôs-se e endireitou-se de verticalidade conforme pôde. difícil na estabilidade, porca de lágrimas e espolinhada no chão a noite inteira, dirigiu-me a palavra e disse, dom afonso pretende ensinar-me coisas de rapariga nobre, tem por mim um amor de pai, mas sarga do que nunca, idiota chorei (MÃE, 2010, p. 54).

Contudo, o remorso do sarga, não é um arrependimento dos atos violentes com que trata a esposa, pois os via como uma manifestação da sua competência de marido para educar a esposa, e ao vê-la fisicamente desfigurada, o sentimento de remorso passa, pois entende que as agressões físicas cometidas em ermesinda era sinal de bom marido que fora. E, sentir arrependido, pelas as agressões físicas para com a esposa, era bondade da sua parte:

sim, poderia sentir remorso pela competência tão apurada usada na educação da minha mulher. Por essa sensatez de não deixar que se perdesse sem retorno. Poderia sentir remorso por essa bondade de, a cada momento, a ir buscar à razão, a fazer ver as coisas mais corretas da criação, para a ajudar a encontrar o seu lugar mais humano. Poderia sentir remorso naquele instante, perante a minha ermesinda tão diferente, que muito mais descansada estaria do corpo se eu me houvesse desleixado nos bons trabalhos de ser seu marido. Aceitei o silêncio e compreendi que seria melhor assim (MÃE, 2010, p. 190).

A violência é legítima dentro da narrativa, diante da inferioridade feminina, que nem para educadora dos filhos servia. Na obra, a mulher é vista como perigosa, burra, sem muitas finalidades, servindo somente para procriação:

a minha mãe deixava de falar comigo e com o aldeguendes, porque lhe saíam coisas de mulher boca fora [...] era encher os ouvidos dos homens com ignorâncias perigosas, uma mulher é ser de pouca fala, como se quer, parideira e calada (...) procriadora, cuidadosa com as crianças e calada para não estragar os filhos com os seus erros.  
as mulheres são frutos podres, como maçãs podres (MÃE, 2010, p. 17, 52)

A partir deste trecho da obra, observa-se como a mulher é desvalorizada, sem o direito a voz, comparada a uma fruta podre, ou seja, sem serventia, tida como uma coisa qualquer. Dessa forma, percebemos a grande discrepância entre os sexos. A origem da violência contra a mulher é consequência da ideologia que a define como inferior ao homem. As diferenças entre o feminino e o masculino são transformadas em desigualdades hierárquicas através de discursos machista (SANTOS; INZUMINO, 2005).

Além disso, no contexto da obra, os homens, por direito, deveriam castigar as mulheres que não se comportassem, segundo o olhar moral masculino. O castigo poderia ser aplicado considerando as formas mais extremas como queimar uma mulher em praça pública:

juntos os homens da terra haveriam de levar à praça, em alarido e confusão, mulher que se portara mal de tanto tempo que nada a salvaria por comando da dignidade de deus.  
e assim escutávamos o povo reunir-se para queima tão merecida e a doer-nos o peito ficávamos sem ver [...] mulher em fogo corria pela praça [...] (MÃE, 2010, p. 74, 77).

No romance, o personagem principal, utiliza-se do discurso machista para justificar a violência exercida contra a mulher. Esta é mais inferior que um animal – a vaca sarga, que é bem mais tratada do que as mulheres da obra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da obra *o remorso de baltazar serapião*, inferimos, de maneira geral, que traz um tom grotesco: por meio do aspecto animalesco com que as relações sexuais são descritas, limitando-se a necessidade de satisfação sexual, como um instinto; das cenas de agressão, descritas de maneira bastante violenta.

Uma das categorias analíticas mais visíveis da narrativa, com certeza, são a violência e a submissão feminina. Mas, ao escolhermos o amor patológico como a categoria a ser analisada, vemos que a violência, o ciúme e a possessão são consequências desta patologia amorosa. Como se o amor patológico configurasse como gênero e as demais como espécie (violência, possessão e ciúme).

Na obra, o amor patológico e suas consequências são legítimas pela cultura patriarcal, mostrada de forma hiperbólica, com cenas de violência extrema e discurso machista levado ao extremo, chocando o leitor. Talvez, essas colocações sejam intencionais por parte do autor, para realmente causar impacto, pois, de certa maneira, traz uma reflexão sobre: as relações de gênero; os discursos sociais que legitimam atitudes de desigualdade; a constituição das relações amorosas etc.

O amor patológico é uma doença que traz consequência para o relacionamento amoroso, no caso, baltazar que passa a viver em prol da possessão em provar a traição da esposa, negligenciando outras atividades; e ermesinda, que é desfigurada fisicamente. Entendemos que a esposa de baltazar é o polo passivo do amor patológico, ela não questiona as atitudes violentas do marido, sofre calada. E, quando baltazar foge, por causa da maldição, ermesinda vai atrás do marido, mesmo depois de sofrer vários atos de violência.

Concluimos que a ideia do amor de baltazar serapião ser patológico é confirmada, através das atitudes do protagonista para com sua esposa ermesinda, consequência do reflexo do contexto social dos personagens, que legitima a violência contra mulher como uma forma de dever matrimonial e ensinamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. 4ª ed. Brasília: ED. Unb, 2001.

ARRUDA, Joilson Mendes; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **A Insólita Condição Feminina em O Remorso de Baltazar Serapião, de Valter Hugo Mãe**. REDISCO, Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 119-131, 2014.

BARROS, José D'Assunção. **A poética do amor cortês e os trovadores medievais - caracterização, origens e teorias**. Aletria, Belo Horizonte, v.25, n.1, p. 215-228, 2015. Disponível: <file:///C:/Users/Rossana/Desktop/6290-26944-1-PB.pdf>. Acesso: 18 março de 2018.

BOESSIO, Ana Lúcia Montano. **(Des)constituição do feminino em O Remorso de Baltazar Serapião de Valter Hugo Mãe**. Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literaturas de Língua Portuguesa em diálogo no 50, 2014, p. 141-153.

BORGES, M. Uma tipologia do amor na filosofia Kantiana. Rev Studia Kantiana. 200; 2 (1): 19-34.

BORRDIEU, Pierre, 1930-2002. **A dominação masculina**; tradução Maria Helena Kühner, - 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAMÕES, Luiz de. O amor é fogo que arde sem se ver. Disponível em: <<http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/v301.txt>>. Acesso: 18 de março de 2018.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. **A idade das trevas da alma humana: uma análise de O remorso de Baltazar Serapião**. CERRADOS 40 - Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, nº 40, ano 24, 2015, p 303-314.

FREUD, S. **Sobre o narcisismo**: uma introdução. Ed. Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imagno, 1976.

GIKOVATE, Flávio. **Ensaio sobre o amor e solidão**. 10º ed. São Paulo: MG Editores 2006.

GOUVEIA, Arturo. Teoria da literatura: fundamentos sobre a natureza da literatura e das categorias narrativas. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

KANT. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Coimbra: Atrântida, 1960.

KONDER, Leandro. **Sobre o amor**. São Paulo: Boitempo, 2007.

LINO, Thiago Lopes. **A patologia do amor – da paixão à psicopatologia**. 2009.

MÃE, Valter Hugo, 1971 – **O remorso de baltazar serapião**. – São Paulo: Editora 34, 2010, (1ª Edição).

NASO, P. **A arte de amar**. Porto Alegre: L&PM;2001.

OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes de. **Uma leitura pelo caminho**: a mulher na ficção de Valter Hugo Mãe. IV Seminário Nacional Gêneros e Práticas Culturais: subjetividade e contradiscursos. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa- PB, 2013, p. 1-11. Disponível em <<http://www.itaporanga.net/genero/4/gt06/47.pdf>>. Acesso: 18 de março de 2018.

PLATÃO. **O BANQUETE**. Disponível em: <[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O\\_banquete.pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O_banquete.pdf)>. Acesso: 18 março de 2018.

REBELLO, Janaina Fernandes. **A multiplicidade de enfoques sobre o amor na narrativa Brasileira**. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006, p. 236.

RODA VIDA. **Valter Hugo Mãe**. 2014 (1h 23m). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6i67t4CZRew>>. Acesso: 03 de março de 2018.

ROUGEMONT, D. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanaraba, 1988.

RIBEIRO, Beatriz Sodré. **Representações da memória no romance a máquina de fazer espanhóis de valter hugo mãe**. Dissertação (Mestrado em letras), Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2017, p. 110.

SANTOS, Cecília MacDowell. IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil**.

Revista E.I.A.L. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina Y El Caribe*, da Universidade de Tel Aviv, em 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação.**

Disponível em:

<<http://coral.ufsm.br/gpforma/1senafe/biblioteca/omundocomo3.pdf>>. Acesso: 18 de março de 2018.

SCHÖSSER, Adriano. DALFOVO, Daniel David. DELVAN, Jodiane Delvan da Silva. **Um estudo sobre o amor: diálogos entre Sigmund Freud e Erich Fromm.** *Psicol. Argum. Curitiba*, v. 30, n. 70. P. 567-573, ju./set. 2012

SOARES, Ana Rita Goncalves. **A Voz das Mulheres Perigosa e Burra:** um estudo sobre *O Remorso de Baltazar Serapião*. *1616: Anuario de Literatura Comparada*, nº5 (2015), 269-279.

SHOPHIA, Eglacy Cristina. **Amor patológico:** aspectos clínicos e de personalidade. Dissertação (Mestrado em Medicina). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 130.

SOPHIA, Eglacy. TAVARES, Hermano. ZILBERMAN, Monica L. **Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico?** *Rer Bras Psiquiatr.* 2007;29(1): 55-62.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves; BARTHES, Roland. **Valter Hugo Mãe:** aescrita como devir. Campina Grande: *Revista Blecaute - Literatura e Artes* – Ano 6 – Nº17 – Nov/Dez e Jan de 2014.